



---

## Edições fac-similar e semidiplomática de manuscrito oitocentista: aspectos paleográficos

Elias Alves de Andrade\*  
Juliana Lima Façanha\*

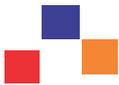
**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo, observando-se princípios da Filologia, apresentar as edições fac-similar e semidiplomática de manuscrito presente no “Livro para registro da correspondência oficial da Presidência da província com a repartição eclesiástica: 1887-1889”, documentos N° 1, 2 e 3, no original, seguidas de comentários paleográficos. Trata-se de atividade do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – MeEL, do Instituto de Linguagens – UFMT, e está vinculado aos projetos de pesquisa: “Para a História do Português Brasileiro – PHPB” e “Estudo do Português em manuscritos produzidos em Mato Grosso a partir do século XVIII” – MeEL/IL/UFMT.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filologia, edição, paleografia.

### Fac-similar and semi-diplomatic editions of eighteenth century paleographic aspects

**ABSTRACT:** This article, guided by philological science, aims to present facsimile and semi-diplomatic editions of manuscript in “Livro para registro da correspondência oficial da Presidência da província com a repartição eclesiástica: 1887-1889”, original documents N. 1, 2 e 3, followed by paleographic comments. This article is part of the Post-Graduation Program in Linguistic Studies at the Languages Institute – UFMT, and is linked to the research projects “For the History of Brazilian Portuguese – PHPB” and “Study of the Portuguese language in manuscripts produced in Mato Grosso since the eighteenth century”, at MeEL/IL/UFMT.

**KEYWORDS:** Philology, edition, paleography.



## Introdução

Preservar a integridade de documentos históricos, culturais e literários, restabelecê-los, devolvendo-lhes à sua forma o mais genuína possível e, ainda, preservá-los de eventuais corrupções que podem ser introduzidas através de sua transmissão são, dentre outros, objetivos e compromisso a que se dedica o filólogo ou crítico textual.

Desde a Antiguidade, o homem lida com textos escritos, com o intuito de preservá-los, devido a seu valor sócio-histórico-cultural, e por representarem seu pensamento e ideologia. Esse estudo, a cargo da Filologia, interessa também a profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, tais como Antropologia, Direito, História, Geografia, Sociologia, Linguística, dentre outras.

Para Santiago-Almeida (2005, p. 224),

[...] no sentido mais amplo (*lato sensu*), a Filologia se dedica ao estudo da língua em toda a sua plenitude – linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc. – no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito, literário e não-literário (manuscrito e impresso).

Por sua vez, Spina (1994, p. 82) afirma que a Filologia

[...] concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. A explicação do texto, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto. Esse conjunto de conhecimentos complicados, dando a impressão de verdadeira cultura enciclopédica de quem os pratica, constitui o caráter erudito da Filologia.

A propósito da Crítica textual, pertencente à área de estudo da Filologia, “[...] costuma-se empregá-la em língua portuguesa como designadora do campo do conhecimento que trata basicamente da restituição da forma genuína dos textos, i. é, de sua fixação ou estabelecimento.”, de conformidade com Cambraia (2005, p. 13), para quem, corroborado por Azevedo Filho (1987), é, essencialmente, uma atividade filológica, pois se debruça amiúde sobre textos do passado, sendo indispensável para editar cientificamente os textos antigos.

Segundo Cambraia (2005, p.23), uma das características da Crítica textual é a transdisciplinaridade, pois, para que o crítico textual possa efetivamente cumprir suas tarefas e para que os textos sejam conserva-



dos e compreendidos, necessita de outras áreas como a paleografia, a diplomática, a codicologia, a bibliografia material e a linguística.

Uma das formas de se estudar um texto, seguindo-se princípios da Filologia, é proceder à sua edição. De acordo com Cambraia (2005, p. 91),

[...] há diversos tipos de edição para tornar acessível ao público um texto manuscrito, que são distribuídos em duas grandes classes: as edições monotestemunhais (baseadas em apenas um testemunho de um texto) e as edições politestemunhais (baseadas no confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto).

As edições monotestemunhais são divididas em quatro tipos, diferenciados “[...] com base *no grau de mediação* realizada pelo crítico textual na fixação da forma do texto: são elas *fac-similar, diplomática, paleográfica e interpretativa.*” (CAMBRAIA, 2005, p. 91). Ainda segundo o mesmo autor (p. 90), a opção por um dos tipos de edição de um texto requer atenção do crítico textual, pois cada tipo possui características próprias e diferentes. Por isso, devem ser observados dois aspectos: o público-alvo que se quer atingir e a existência de edições anteriores. “A importância de se pensar no público-alvo está no fato de que dificilmente uma mesma edição é adequada para todo tipo de público, pois diferentes são seus interesses.” (p. 90). E conclui afirmando que uma edição que reproduza particularidades gráficas de um texto quinhentista, por exemplo, pode despertar o interesse do linguista, entretanto, não seria apropriada a um público jovem interessado apenas em seu conteúdo.

## 1. Edições fac-similar e semidiplomática

A edição fac-similar é a fotografia do texto, em que o editor minimamente interfere no original, pois limita-se a escaneá-lo, por exemplo, quando, entretanto, algumas características, como a cor do papel e da tinta, podem adquirir aspectos diferentes em relação ao original. Já a edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa, segundo definição de Spina (1977, p 77-79), chamada de paleográfica por Cambraia (2005, p. 95-96), sofre alguma interferência do editor, que, além de digitá-la, desdobra suas abreviaturas e estabelece as fronteiras entre palavras, quando não as há, visando à preservação de praticamente todas as características do documento.

Para a realização da edição semidiplomática, adotada neste artigo ao lado da fac-similar, foram utilizadas as recomendações estabelecidas no II Seminário para a História do Português Brasileiro, realizado em Campos do Jordão-SP, no período de 10 a 14 de maio de 1998.



1. As linhas serão enumeradas de cinco em cinco;
2. A pontuação original será mantida;
3. A acentuação original será mantida;
4. As abreviaturas serão desdobradas, indicando-se em itálico as partes nelas suprimidas;
5. As maiúsculas e minúsculas serão mantidas como no original;
6. A ortografia será mantida como no original, não se efetuando nenhuma correção;
7. As assinaturas serão indicadas por diples < >.



1889

N.º 1 1.ª Secção. — Palacio do Governo de Mato Grosso em Cuiabá, 6 de Novembro de 1889. — Em nome do Sr. Governador do Estado Sr. Dr. Antonio Yrriburu de Sousa Bandeira de Tomar posse do cargo de Presidente desta provincia, para o qual foi nomeado por Carta Imperial de 24 de Novembro ultimo, rogo a V. Ex.ª Sr.ª que se dignem expedir e publicar no sentido de celebrar-se o Te-Deum da entrega do paiz, a que elle acto que terá lugar no paiz da Camara Municipal, tres dias depois da tarde. — Renovo a V. Ex.ª Sr.ª as segurancas e minhas respectivas estimas e distinctas considerações. — Deus Guarde a V. Ex.ª Sr.ª  
Em nome do Sr. Governador  
D. Carlos Heir Schmitt,  
Dignissimo Bispo Diocesano, Francisco Raphael de Mello Neto.

Do mesmo.

N.º 2 1.ª Secção. — Palacio do Governo de Mato Grosso em Cuiabá, 6 de Novembro de 1889. — Em nome do Sr. Governador do Estado Sr. Dr. Antonio Yrriburu de Tomar posse do cargo de Presidente desta provincia, para o qual foi nomeado por Carta Imperial de 24 de Novembro ultimo. Envolvo-me da appor-



Identificação	“Livro para registro das correspondencias officiais da Presidencia da provincia com a repartição ecclesiástica” – Arquivo Público do Estado de Mato Grosso – Documentos Nº 1, 2 e 3, Fólios 1r/v
Assunto	Solicitação de celebração de <i>Te Deum</i> em ação de graças pela posse do governador da Província de Mato Grosso e agradecimento de Sua Magestade pelas orações pelo restabelecimento de sua saúde.
Local e data	Província de Mato Grosso – 6 e 7 de Fevereiro de
Assinatura	1889 Idiógrafo

1889.

Numero 1 *Primeira Secção*. – Palacio do Governo de Matto-Grosso em Cuyabá, 6 de Fevereiro de 1889. – *Excellentissimo e Reverendissimo*

*Senhor* – Tendo Sua *Excellencia* o *Senhor Doutor* Antonio Herculanano

5 de Sousa Bandeira de tomar posse do cargo de Presidente desta provincia, para o qual foi nomeado por Carta Imperial de 24 de Novembro ultimo, rogo a *Vossa Excellencia Reverendissima* que se digne de expedir suas ordens no sentido de 10 celebrar-se o Te-Deum do estylo depois daquelle acto, que terá lugar no paço da Camara Municipal hoje a 1 hora da tarde. – Renovo a *Vossa Excellencia Reverendissima* as seguranças de minha respeitosa estima e distincta 15 consideração. – Deus Guarde a *Vossa Excellencia Reverendissima* - *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Carlos Luiz*

d’Amour,

Dignissimo Bispo Diocesano. – <Francisco Raphael de Mello Rego.>

Ao mesmo.

20 *Numero 2 Primeira Secção*. – Palacio do Governo de Matto-Grosso em Cuyabá, 6 de Fevereiro de 1889. – *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor* – Tenho a honra de com=unicar a *Vossa Excellencia Reverendissima* que nesta data, depois de haver prestado juramento 25 perante a Camara Municipal desta Capital, tomei posse do cargo de Presiden=te desta Provincia, para o qual fora no=



meado por Carta Imperial de 24 de No=  
vembro ultimo. Prevaleço-me da oppor=

tenidade para apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> Rm.<sup>a</sup>  
os sentimentos de minha perfeita estima  
e elevada consideração. Deus Guarde a V.  
Ex.<sup>a</sup> Rm.<sup>a</sup> - Em. e Rm.<sup>a</sup> Sr. D. Carlos Luiz  
d'Amorim, Dignissimo Bispo Diocesano  
Antonio Yerculano de Souza Bandeira.

So mesmo.

N.º 3 1.ª Secção. Palacio do Governo de Math. Gouvea  
em Curitiba, 7 de Dezembro de 1889. Em. e Rm.  
Sr. - Cumpra-me participar a V. Ex.<sup>a</sup> Rm.<sup>a</sup>,  
conforme recomprendeo-me o Ministerio  
dos Negocios do Imperio em Aviso de 26 de  
Dezembro ultimo, sob n.º 4068, que Sua  
Majestade o Imperador Mandou acatchear  
nos se as felicitações que pelo restabeleci-  
mento de sua piedosa Saude e feliz re-  
gresso a patria lhe dirigiram V. Ex.<sup>a</sup>  
Rm.<sup>a</sup> e o Chio Sr. D. Diogo, como tam-  
bem a Secção de Gracas que pelo mes-  
mo motivo entraram a 19 de Outubro  
perfeitamente em que a Santa Igreja  
celebra a festa de S. Pedro de Alcantara.  
Renovo a V. Ex.<sup>a</sup> Rm.<sup>a</sup> os sentimentos de  
minha respeitosa estima e elevada consi-  
deração. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Rm.<sup>a</sup>  
Em. e Rm.<sup>a</sup> Sr. D. Carlos Luiz d'Amorim,  
Dignissimo Bispo Diocesano Antonio  
Yerculano de Souza Bandeira.

So mesmo.



Fólio 2 v

30 tunidade para apresentar a *Vossa Excellencia Reverendissima* os sentimentos de minha perfeita estima e elevada consideração. Deus Guarde a *Vossa*

*Excellencia Reverendissima - Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Carlos Luiz*

d'Amour, Dignissimo Bispo Diocesano. –

35 <Antonio Herculano de Souza Bandeira.>

Ao mesmo.

*Numero 3 Primeira Secção.* – Palacio do Governo de Matto-Grosso

em Cuyabá, 7 de Fevereiro de 1889. – *Excellentissimo e Reverendissimo*

*Senhor* – Cumpre-me participar a *Vossa Excellencia Reverendissima,*

40 conforme recommendou-me o Ministerio dos Negocios do Imperio em Aviso de 26 de Dezembro ultimo, sob *numero* 4068, que Sua Magestade O Imperador Manda agradecer não só as felicitações que pelo restabelecimento de sua preciosa saude e feliz regresso á patria, lhe dirigiram a *Vossa Excellencia Reverendissima* e o Cléro desta Diocese, como também a Acção de Graças que pelo mesmo motivo entoaram a 19 de Outubro

45 preterito, dia em que a Santa Igreja celebra a festa de *São Pedro de Alcantara.* – Renovo a *Vossa Excellencia Reverendissima* os sentimentos de

de  
minha respeitosa estima e elevada consideração. – Deus Guarde a *Vossa Excellencia Reverendissima* –

55 *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Carlos Luiz* d'Amour,

Dignissimo Bispo Diocesano. – <Antonio Herculano de Souza Bandeira.>

Ao mesmo.

---

<sup>1</sup> O pergaminho, escasso à época e de demorada produção, era muito caro. Obtinha-se da pele de animais (vitelos e ovelhas), limpada e uniformizada de forma a resultar numa superfície clara e macia, propícia à escrita. Seu nome é referência à cidade de Pérgamo, na Ásia menor, onde foi empregado a partir do II séc. a.C. como substituto do papiro. (SPAGGIARI e PERUGI, 2004, p. 16).



## 2. Paleografia

Definida como o estudo das escritas antigas, de acordo com Cambraia (2005, p.23), o termo paleografia, etimologicamente, vem do grego e significa *palaios* = antigo e *graphien* = escrita. É, segundo Spina (1977, p. 18).<sup>1</sup>, “[...] o estudo das antigas escritas e evolução dos tipos caligráficos em documentos, isto é, em material perecível (papiro, pergaminho, papel).”

O interesse pelo estudo mais pormenorizado de documentos manuscritos teve início na Idade Média, “[...] quando se organizavam verdadeiras coletâneas de abreviaturas, um dos aspectos que oferece maior dificuldade na decifração de textos.” (ACIOLI, 2003, p. 6).

Para Dias e Bivar (2005, p. 14), “[...] é lugar comum para alguns paleógrafos que as origens dos estudos paleográficos remontem à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), ocorrida entre protestantes e católicos [...]”, para legitimar, especialmente, documentos que indicavam posse de terra, auxiliando assim a Justiça.

No século XVII, o Jesuíta Daniel van Papenbroeck (1628-1714) publicou a primeira obra que consistia em sistematizar critérios para reconhecer a autenticidade de documentos através da análise da escrita. Em seguida, o beneditino francês Jean Mabillon publicaria a obra *De Re Diplomática Libri III*, em Paris, em 1681, aprofundando os estudos e critérios de identificação e distinção de documentos originais autógrafos, idiógrafos e apógrafos,<sup>2</sup> instituindo a Paleografia como ciência e fornecendo subsídios teóricos para a Diplomática, que é o estudo de documentos jurídicos.

A propósito da paleografia, Cambraia (2005, p.23) afirma que ela

[...] apresenta finalidade tanto teórica quanto pragmática. A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em se entender como se constituíram sócio-historicamente os sistemas de escrita; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado.

Cambraia (2005, p. 24) sugere um guia de aspectos que deverão ser abordados para a realização de comentários paleográficos, que serão utilizados, no que couber, neste artigo:

---

<sup>2</sup> Autógrafo é o testemunho fixado pelo próprio autor, idiógrafo, por um terceiro, mas com a supervisão e assinatura do autor, e apógrafo, aquele fixado por outra pessoa sem supervisão do autor, tratando-se, neste caso, em geral, de cópia.



- a) classificação da escrita, localização e datação;
- b) descrição sucinta de características da escrita, a saber: a *morfologia das letras* (sua forma), o seu *traçado* ou *ductus* (ordem de sucessão e sentido dos traços de uma letra), o *ângulo* (relação entre os traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita), o *módulo* (dimensão das letras em termos de pauta) e o *peso* (relação entre traços finos e grossos das letras);
- c) descrição sucinta do sistema de sinais abreviativos empregados na referida escrita;
- d) descrição dos outros elementos não-alfabéticos existentes e de seu valor geral: números, diacríticos, sinais de pontuação, separação vocabular intralinear e translinear, paragrafação, etc.;
- e) descrição de pontos de dificuldade na leitura e as soluções adotadas.

### 3. Comentários paleográficos do manuscrito

O manuscrito, cópia, foi produzido por mãos hábeis, ou seja, o escriba, neste caso copista ou amanuense, possuía razoável grau de instrução. A escrita apresenta homogeneidade em seu tamanho, regularidade quanto ao *ductus* ou *traçado das letras*, encadeadas e marcadas por traços uniformes; ao *ângulo*, com os traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita marcados por leve inclinação à direita; ao *módulo*, com a dimensão proporcional da escrita em relação à pauta; e ao *peso*, homogêneo na relação entre traços finos e grossos das letras.

Pode-se classificar a escrita do documento como humanística ou italiana, com tipo de letra cursiva, em que as letras são corridas, com traçado mais livre, escritas de um só lance e sem descanso da mão, apresentando entre si nexos ou ligações o que pode, às vezes, levar a certa dificuldade de leitura, não sendo este o caso dos manuscritos em estudo, de acordo com Acioli (2003, p.13).

Segundo Higounet (2004, p. 144), a escrita humanística teria surgido em documentos manuscritos de 1423, “[...] é uma escrita erudita, refeita a partir do modelo da escrita carolíngia.”, por parte dos humanistas italianos, tendo como característica ser uma escrita “[...] suave, traçada com penas pontudas, fortemente inclinada para a direita, com todas as letras de uma mesma palavra unidas.”



Embora, a escrita humanística seja a usada no manuscrito, há nele resquícios da escrita gótica, como a letra <d>. Exemplos<sup>3</sup>:  e  (1r - 9).

De acordo com Andrade (2007, p. 318),

A dimensão das letras, considerando-se as capitais maiúsculas e as minúsculas, determina em parte o grau de legibilidade do texto. Mesmo que possuam traços que denotam um maior cuidado quanto à aparência do texto, letras com hastes superiores e inferiores com pequenos rebuscamentos, não obstante, não prejudicam a leitura do manuscrito, uma vez que esses traços dificilmente ultrapassam os limites da pauta posterior.

A ortografia portuguesa, segundo Coutinho (1976, p. 72), pode ser classificada em três períodos: fonético, pseudo-etimológico e simplificado.

O manuscrito em análise apresenta características ortográficas pertencentes ao período pseudo-etimológico, que teve início a partir do século XVI indo até 1904, ano em que Gonçalves Viana estabelece critérios ortográficos uniformes para a Língua Portuguesa com a Ortografia Nacional. O que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras e de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, dentre outros. (COUTINHO, 1976, p 72.). Exemplos desse período podem ser observados no manuscrito (8 – 13):

[...] rogo a *Vossa Excellencia Reverendissima* que se digne de expedir suas ordens no sentido de celebrar-se o Te-Deum do estylo depois daquelle acto que terá lugar no paço da Camara Municipal hoje a 1 hora da tarde.

A seguir, exemplos de características ortográficas no manuscrito.

a) Uso de <s> e <z>, como em:  <depois> (10),

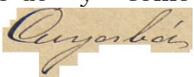
 =  <mes = | mo> (48/49),

<Sousa> (5) e

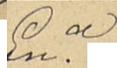
< Souza> (35).

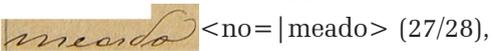
<sup>3</sup> Leia-se (1r-9) como fôlio 1 *recto*, linha 9.



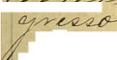
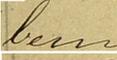
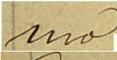
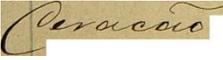
b) Uso de <y> como semivogal no ditongo ou em sílaba tônica. Exemplos:  <Cuyabá> (3) e  <estyllo> (10).

c) Uso de consoantes geminadas <ll>, <mm>, <pp>, <tt>, ou de encontros consonantais, <cç>, <ct>, <ph>, como em:  <daquelle> (11),  <Mello> (18),  <com = | municar> (22/23)<sup>4</sup>  <recomendou-me> (40),  <oppor = | tunidade> (29/30),  <Matto> (2), <Secção> (2),  <Acção> (48),  <acto> (11),  <distincta> (14) e  <Raphael> (18).

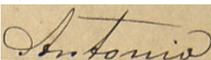
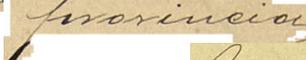
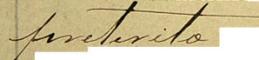
Conforme a classificação feita por Spina (1977, p. 45), as abreviaturas podem ser por: sigla, apócope, síncope com letras sobrepostas, signos especiais e por letras numerais. No documento em análise, encontram-se, a título de exemplo, as abreviaturas, por sigla:  <Vossa> (8),  <Sua> (4),  <Dom> (16),  <São> (51); por síncope com letras sobrepostas:  <Excellentissimo> (3)<sup>1</sup>,  <Reverendissimo> (3),  <Excellencia> (4) e  <Reverendissima> (8); e, por síncope:  <Doutor> (4) e  <Senhor> (4).

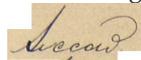
A divisão silábica ocorre somente com hífen duplos, como em:  <com = municar> (22/23),  <Presiden = | te> (26/27),  <no = | meado> (27/28),  <No = | vembro> (28/29), 



<oppor= |tunidade> (29/30),   
 <restabeleci= |mento> (44/45),   
 <re= |gresso> (45/46),   
 <tam= |bem> (47/48),   
 <mes= |mo> (48/49) e   
 <consi= |deração> (53/54).

Com respeito à acentuação gráfica, a ausência de uma normalização até 1904, ocorrida com a publicação de Ortografia Nacional por Gonçalves Viana, assim como com a ortografia, registrava-se certa variação, como se pode observar no manuscrito em:

- a) Monossílabas:  <só> (44).
- b) Oxítonas:  <Cuyabá> (3),  <terá> (11) e  <tam= |bem> (47/48).
- c) Paroxítonas:  <Palacio> (2),  <Antonio> (4),  <provincia> (6),  <Ministerio> (40),  <Imperio> (41) e  <Cléro> (47).
- d) Proparoxítonas não acentuadas. Exemplos:  <ultimo> (8),  <Dignissimo> (17) e  <preterito> (50).
- e) Acento circunflexo não empregado. Exemplos: <Antonio> (4), <Camara> (12), <Alcantara> (51).

O uso de diacríticos, como o til, a princípio, “[...] indicava a supressão do m ou n. Posteriormente transformou-se em sinal diacrítico criado para nasalar as vogais às quais se sobrepõe.” (ACIOLI, 2003, p. 54). Exemplos:  <Secção> (2),  <consi-



deração> (15), *Naõ* <naõ> (44), *Felicitações* <felicitações> (44) e *Acção* <Acção> (48).

Observa-se a utilização do acento agudo para indicar a crase, como em: *re= gresso á patria* <re= | gresso á pátria> (45/46). O apóstrofo foi utilizado, como em: *d'Amour* <d'Amour> (16, 34 e 55) e a pontuação com o uso apenas de vírgula e ponto. Por fim, registra-se a presença da expressão latina *Te-Deum* <Te-Deum> (10), característica do período pseudo-etimológico.

## Considerações finais

O estudo filológico de documentos manuscritos lavrados a partir do século XVIII, referentes à Província de Mato Grosso, a exemplo do que se procurou fazer neste artigo, pode contribuir para a explicitação do que se vem convencioneando chamar de Português Brasileiro, além de propiciar a análise de características ortográficas da língua portuguesa a partir do século XVIII.

Através das edições fac-similar e semidiplomática, sendo este um tipo de transcrição em que há baixo grau de intervenção do editor no manuscrito, visando à preservação de praticamente todas as suas características originais, o documento serve de *corpus* para pesquisa por especialistas de várias áreas do conhecimento

Por fim, como se trata de um manuscrito do século XVIII, pode-se também estudar aspectos culturais, o que leva à preservação de fontes sócio-histórico-culturais de um povo em uma época determinada.



---

## Referências

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos**. Recife: Ed. Massangana; Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

ANDRADE, Elias Alves de. **Estudo paleográfico e codicológico de manuscritos dos séculos XVIII e XIX: edições fac-similar e semidiplomática**. São Paulo: USP, 2007. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

ANDRADE, Elias Alves de. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. In: **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, nº 10/11, ISSN 1517-4530, FFLCH/USP, 2010, p. 149-172.

ANDRADE, Elias Alves de. Cotejo de manuscritos do século XIX. In: **Revista Caligrama**. Belo Horizonte: UFMG, ISSN 0103-2178, Vol. 15, Nº 2, 2010, p. 161-187, www.lettras.ufmg/caligrama.

ANDRADE, Elias Alves de; KRAUSE, M. M. C. de A.; TONIAZZO, C. L. Edição de manuscritos: características paleográficas. In: **Revista Polifonia**, nº 19, ISSN 0104-687x, MeEL/IL/UFMT, 2010, p. 43-58.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A.de. **Iniciação em crítica textual**. São Paulo: EdUSP, 1987.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico S/A, 1981.

DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. Paleografia para o período colonial. In: **Paleografia e fontes do período colonial brasileiro**. Estudos CEDHAL – Nova Série nº 11. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 2005, p. 11-38.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos do século XVI ao XIX**. 2Ed. São Paulo: Editora UNESP; Edições do Arquivo Público de São Paulo, 1991.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. [Tradução da 10ª edição corrigida Marcos Marcionilo]. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à língua portuguesa**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.



SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL, Beatriz D.; CARDOSO, Elis de A.; CONDE, Valéria G. (Orgs.). **Modelos de análise linguística**. São Paulo: Contexto, 2009, Vol. 1, p. 223-234.

SPAGGIARI, B. e PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro. Ed. Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: crítica textual**. 2ª edição. São Paulo: EdUSP, 1994.

Recebido em 03/05/11.

Aceito em 09/10/11.

\***Elias Alves de Andrade** é Professor Associado III do Departamento de Letras e do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem–MeEL/IL/UFMT, Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. E-mail: elias@ufmt.br.

\***Juliana Lima Façanha** é Mestranda em Estudos de Linguagem – MeEL/IL/UFMT.